Webdesign

maiol 2007 :: ano 4 :: nº 41 :: www.revistawebdesign.com.br

Vídeos na WEB

Saiba como trabalhar o design em movimento: cores, layout e tipografia

R$ 9,90

ISSN 1806-0099

EDITORA ARTECCOM

Acessibilidade na CAPES: Novo site do Instituto inclui dispositivo inédito para daltônicos

Arquitetura de Informação: Tire suas dúvidas: principais etapas, erros mais comuns e perfil do profissional

Estréia: novo colunista: Ricardo Figueira, VP de criação da AgênciaClick, analisa a publicidade on-line

O fim do impresso? E as transformações no mercado de design

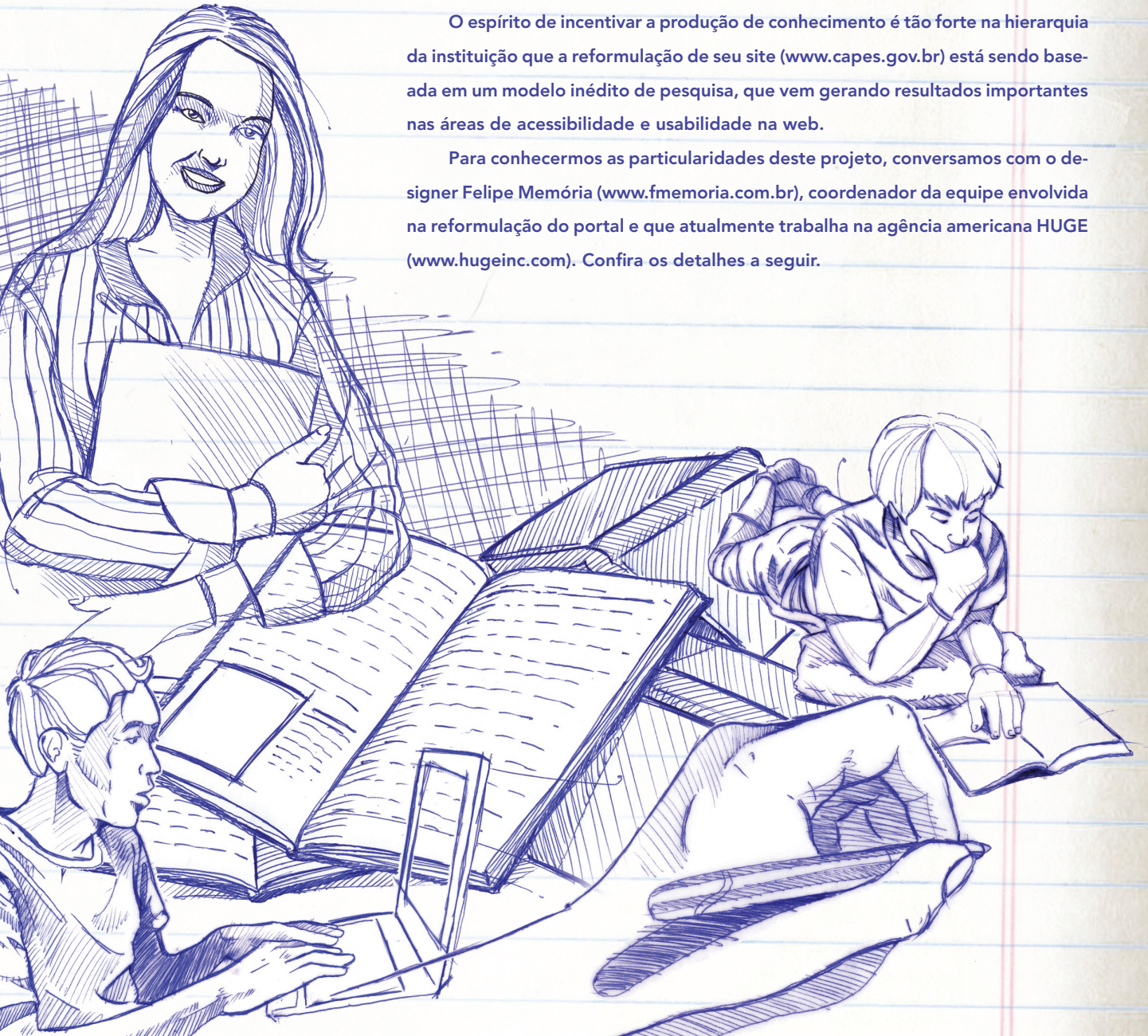
Capes.gov.br:

gerando conhecimento para os profissionais web

Para quem não sabe, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação do Ministério da Educação, é responsável por mais da metade das bolsas de pós-graduação no país.

O espírito de incentivar a produção de conhecimento é tão forte na hierarquia da instituição que a reformulação de seu site (www.capes.gov.br) está sendo baseada em um modelo inédito de pesquisa, que vem gerando resultados importantes nas áreas de acessibilidade e usabilidade na web.

Para conhecermos as particularidades deste projeto, conversamos com o designer Felipe Memória (www.fmemoria.com.br), coordenador da equipe envolvida na reformulação do portal e que atualmente trabalha na agência americana HUGE (www.hugeinc.com). Confira os detalhes a seguir.



Página inicial do site da Capes

Wd :: Este projeto foi desenvolvido por uma equipe liderada por você, em parceria com a PUC-Rio. Como surgiu a oportunidade de comandar a reformulação do portal da Capes?

Felipe :: A Capes é uma instituição que financia mais da metade das bolsas de pós-graduação do país. Ela patrocina pesquisas e investe na formação de pessoal qualificado. Essa alma acadêmica fez com que a diretoria achasse adequado investir em um projeto de reestruturação de seu site totalmente baseado em pesquisa. A idéia é gerar conhecimento nas áreas de Usabilidade, Interação Humano-Computador (IHC) e Acessibilidade durante o desenvolvimento desse site modelo. Ele tem por objetivo atingir níveis máximos de acessibilidade - o chamado triplo "A". E isso está longe de ser simples.

Somos carentes de profissionais realmente especializados, com experiência prática relevante, em Usabilidade e IHC. Essa carência é ainda maior quando tratamos de acessibilidade, principalmente quando não estamos mais falando sobre o básico HTML validado pelo W3C. Portanto, existe uma demanda muito grande de profissionais e pesquisas nessa área.

Meu nome era indicado pela minha experiência prática de mercado, por ter escrito um livro sobre Usabilidade e Experiência do Usuário e pelo meu vínculo acadêmico como professor e pesquisador da PUC-Rio. Escrevi então um projeto de pesquisa e estamos fazendo-o sair do papel em parceria com o LEUI - Laboratório de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces em Sistemas Humano-Tecnologia da PUC-Rio.

Wd :: Um dos principais motivadores para a reformulação do portal está no decreto 5.296/2004 (http://tinyurl.com/26o749), que determina que sites de âmbito governamental sigam os preceitos básicos de acessibilidade na web. Diante da experiência vivida neste projeto, quais são os custos envolvidos para tornar um site acessível?

Felipe :: São vários os níveis de acessibilidade que se pode querer atingir ao se projetar um site acessível. Ter um código XHTML semanticamente correto e estruturado, já resolve grande parte dos problemas encontrados por deficientes visuais que utilizam softwares leitores de tela. Já para atingir o nível AAA, que é o nível máximo de acessibilidade, precisa-se de mais tempo e, conseqüentemente, investimento.

Vale lembrar que este investimento pode apresentar um excelente retorno, já que um site acessível é também melhor indexado pelos robôs dos sites de busca, que interpretam o código quase do mesmo jeito que um software leitor de tela. Deste modo, o robô pode "entender melhor" sobre o que se trata o conteúdo do site e aumentar a relevância do mesmo na hora de exibir um resultado de busca, colocando-o entre os primeiros sites apresentados.

Wd :: Falando sobre acessibilidade, quais são as mudanças acarretadas durante o processo de desenvolvimento de um site em relação aos modelos adotados sem a prioridade na inclusão da acessibilidade?

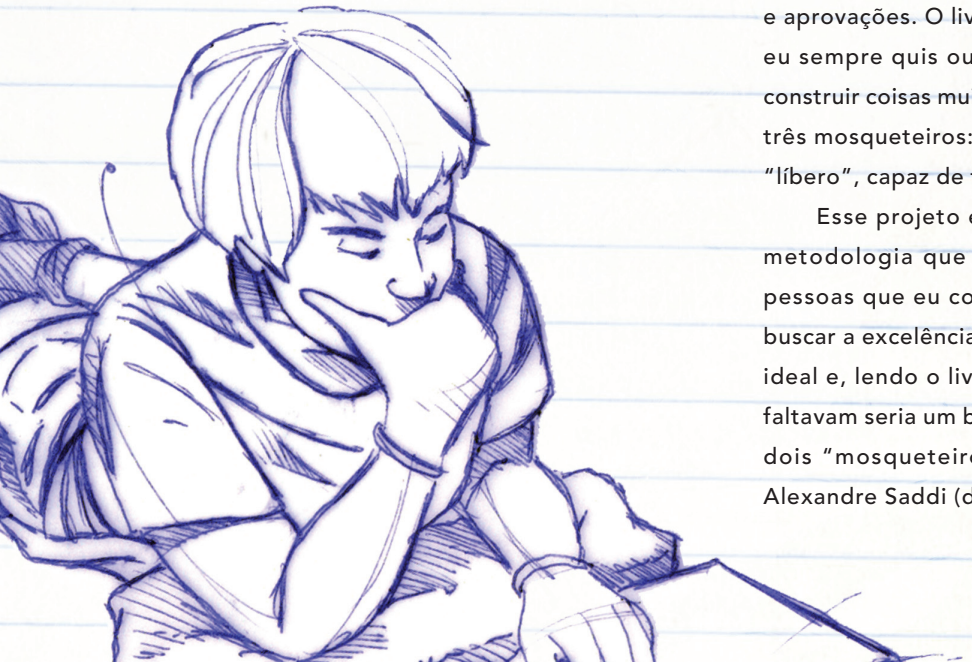
Felipe :: Quando pretende-se atingir níveis máximos de acessibilidade, o processo é, sem dúvida, mais demorado. As diferenças vão desde pequenos detalhes da interface,

do código, até uma bateria maior de testes que precisam necessariamente ser feitos.

O planejamento de produto que leva em consideração as funcionalidades, as páginas e os fluxos principais precisa ser mais minucioso. Principalmente quando ainda não se tem muita experiência no assunto. É um mundo totalmente novo, com uma série de características diferentes das que estamos acostumados.

Durante o processo, precisamos fazer benchmark sobre detalhes que eram inteiramente novos, pesquisar coisas que nessa etapa de um projeto normal já estariam no sangue. Não vou pesquisar, por exemplo, sobre o posicionamento de um campo de busca. Já sei quais são as minhas opções. Mas e o posicionamento de opções de acessibilidade como mudança de contraste, atalhos de teclado e mudança de tamanho de letra? E mais: Quais são esses elementos? Quantos são? Existem também várias apresentações visuais para cada, diversas formas de resolver. Qual a melhor para o nosso projeto? As opções que as pessoas usam realmente funcionam? Será? Alguém já estudou isso?

Citei o detalhe das opções de acessibilidade. É um ponto que pode ser aprendido e deixar de ser um entrave no futuro. Mas existem muitos outros. Talvez o maior desafio seja pensar como o site se manterá acessível depois de construído. Estamos fazendo manuais, vamos dar treinamento, enfim, teremos que fazer um trabalho que vai além do projeto para a web. Será um esforço em conjunto com os funcionários da Capes.



Além disso tudo, para atingir o nível de acessibilidade que esperamos, precisamos, necessariamente, fazer testes com usuários portadores de deficiência. Não funciona como em projetos tradicionais em que os testes são uma ótima ferramenta, porém não obrigatória. No nosso caso, eles são obrigatórios. É uma premissa.

Wd :: Um dos detalhes interessantes deste projeto está na aplicação da metodologia relatada no livro "Getting Real" (http://tinyurl.com/ytzmxe), criada pela empresa americana 37Signals (www.37signals.com). Por que vocês decidiram utilizá-la neste projeto?

Felipe :: Sou um entusiasta do trabalho do pessoal da 37signals desde o início, quando eles ainda eram uma empresa pequena composta por profissionais capazes de fazer sites fantásticos: simples, fáceis de usar, bonitos e diretos. Eles sempre foram referência para mim. Eram especialistas em usabilidade que não esqueciam da estética e entendiam de produto. Eles acabaram se reposicionando no mercado como uma empresa que faz aplicativos que funcionam na web. O método de trabalho deles, também usado no desenvolvimento do seu principal produto, o Basecamp (um gerenciador de projetos), foi registrado nesse livro, chamado "Getting Real".

Uma das coisas interessantes é que a 37signals não cresceu o quanto poderia. Eles sempre foram um time muito pequeno. Pessoalmente nunca acreditei em projetos com milhares de pessoas envolvidas, com milhares de reuniões, papelada, e-mails, apresentações, formalidades e aprovações. O livro trata exatamente disso e fala o que eu sempre quis ouvir: com três pessoas você consegue construir coisas muito legais na web. Eles os chamam de os três mosqueteiros: um desenvolvedor, um designer e um "líbero", capaz de transitar nos dois universos.

Esse projeto era a oportunidade de implementar a metodologia que eu acreditasse, trabalhando com as pessoas que eu confiasse e tentando, por minha conta, buscar a excelência. Fiquei semanas pensando na fórmula ideal e, lendo o livro, vi que chamar as duas figuras que faltavam seria um bom caminho. Convidei então os outros dois "mosqueteiros": Jorge Falcão (desenvolvedor) e Alexandre Saddi (designer com muita facilidade na parte

de TI). Formamos então o trio que esteve junto em todas as decisões importantes, desde o início.

Durante o projeto também contamos com a ajuda de outros profissionais escolhidos a dedo para tarefas específicas: Leonardo Burlamaqui foi o arquiteto da informação, Diego Zambrando criou a direção de arte, Bernardo Walkiers ficou responsável pela parte de redação e webwriting, além de outros colaboradores.

Nossa idéia era trabalhar com uma equipe enxuta, composta apenas por profissionais seniores. Com isso, como recomenda o livro, o custo de mudanças é pequeno, a comunicação é mais fácil, a papelada é menor, quase não precisamos de reuniões e as decisões são tomadas com mais rapidez. Isso fez com que conseguíssemos lançar a primeira versão do enorme portal, com sistema de administração e tudo, em apenas três meses a partir da primeira reunião.

É muito importante ressaltar que o projeto está em andamento e longe de estar pronto. Ainda não pode ser considerado um projeto modelo. Lançamos apenas a primeira versão. Testes de usabilidade, acessibilidade e outras novidades ainda estão por vir.

Wd :: Em termos de design, vocês modificaram a combinação cromática do portal, trocando a paleta baseada principalmente no azul e no verde por tonalidades de ocre. Quais estudos foram feitos para se tornar efetiva tal mudança?

Felipe :: Realmente, a mudança cromática foi bem radical. Num primeiro momento, achávamos que as cores antigas deveriam predominar. Seria a solução trivial. Conversando com os funcionários da Capes, percebemos que, na verdade, não existia um real motivo para aquelas cores serem usadas a não ser por serem as cores da marca da instituição. Fora isso, a Capes não mantinha o azul, verde e branco em material impresso ou coisas desse tipo.

Fizemos três layouts diferentes da home. Eu fiz um, o Alexandre Saddi fez outro e o Diego Zambrano fez uma terceira, que era a nossa favorita. Apenas a dele tinha esse padrão cromático diferente. Não existe uma solução certa, existem várias soluções possíveis. A ocre foi a que mais agradou a nós e ao pessoal da Capes: presidência, diretoria e funcionários. É um tom mais quente, torna a relação com os usuários menos fria, o que é comum quando estamos falando de um portal. Essa frieza é uma barreira a ser quebrada, e a cor torna o uso mais agradável. Ficamos com ela.

Wd :: Um ponto inédito neste projeto está na implementação de uma função que torna a tela do navegador em alto contraste para pessoas com baixa visão. Como surgiu a idéia de seu desenvolvimento e quais recursos foram utilizados para torná-lo funcional?

Felipe :: Quando vamos desenvolver um site acessível, nem sempre estamos falando do uso de um software especial ou de compatibilidade entre diferentes dispositivos. Algumas questões visuais devem ser levadas em consideração, já que existem pessoas que têm dificuldade para reconhecer certas cores. Além disso, com o passar dos anos, é provável que a maioria de nós apresente algum grau de perda de visão, afetando o foco e contraste, o que reduz nossa capacidade de distinguir sombreados, bordas, padrões e texturas.

Com isso em mente, em conjunto com a funcionalidade de aumentar o tamanho da fonte, desenvolvemos uma versão otimizada para se obter o máximo de contraste e legibilidade. Tecnicamente, trata-se de uma função em javascript que troca o CSS da página e grava um cookie para que a preferência do usuário seja mantida ao navegar pelo portal.

Wd :: Outra modificação significativa no layout do portal está na troca das famílias tipográficas (Arial por Georgia). Quais fatores influenciaram na escolha da nova tipografia do site?

Felipe :: A tipografia escolhida mantinha uma coerência com o layout ocre. Discutimos bastante sobre isso. Chegamos a manter o mesmo layout mudando apenas a fonte, mas perdia-se muito. O uso de uma fonte serifada é interessante pelo fato de a instituição ter uma relação com a academia, com tradição. Entre as duas serifadas de sistema possíveis, optamos pela Georgia. Ela é desenhada

para funcionar bem pixelada, na tela. Caso tivéssemos optado por outra solução visual, provavelmente teríamos escolhido outra fonte. A Georgia simplesmente funcionou perfeitamente com o layout que escolhemos.

Wd :: Vocês desenvolveram um CSS especial para a parte de página de impressão. Em qual etapa do projeto surgiu a idéia de implementar tal funcionalidade?

Felipe :: Quando estávamos projetando a página de notícia. Essa funcionalidade sempre gerou certa polêmica. A solução mais "moderninha" é definir um CSS especial para a página de impressão, mas sem avisar ao usuário que você fez isso. Eu sempre achei confuso, já que os usuários em geral estão acostumados a imprimir aquilo que estão vendo. Por mais que seja bom o texto sair formatado para impressão, acho ruim o usuário não ver aquilo que está imprimindo.

Sempre fui do partido do "versão para impressão", abrindo uma nova página mais limpa, deixando mais claro para o usuário o que iria acontecer. Achei que eu era um dos únicos a pensar assim, até que, durante o projeto, li um artigo de Peter Mcvicar, publicado no "A List Apart" (http://tinyurl.com/2ehbgo).

Ele deu uma boa idéia de como resolver o problema: usando o comando "imprimir", abrindo simultaneamente a página para impressão com um disclaimer e a caixa de impressão do sistema. Sabemos que, em geral, não é interessante gerar duas ações com um único clique, mas nesse caso achamos a solução interessante e resolvemos seguir a sugestão.

Wd :: Durante o período de experiência do usuário dentro do portal, ele pode escolher o tamanho de fonte ideal para a sua leitura. Além disso, todos os links aparecem sublinhados. Tais escolhas foram definidas a partir de testes de usabilidade? Como a usabilidade foi inserida dentro deste projeto e da metodologia "Getting Real"?

Felipe :: Não. Infelizmente não conseguimos testar nada antes do lançamento, em virtude do tempo que tínhamos disponível antes da data estipulada pela lei. A questão da mudança de tamanho da fonte está relacionada à acessibilidade. Pessoas mais velhas têm dificuldade de enxergar e esse tipo de opção ajuda. A opção pelos links sublinhados foi bem fácil de ser tomada. O público-alvo da Capes é de pesquisadores, professores, bolsistas e estudantes. Grande parte é composta por pessoas com mais idade, que não são mais tão jovens. O sublinhado é um clássico da web, uma característica que essas pessoas já conhecem. Não queríamos fazê-las aprender um padrão diferente apenas para o nosso site.

Como não poderia deixar de ser, estivemos atentos com relação à usabilidade desde o início. Fizemos um grande levantamento de principais fluxos, tarefas, páginas mais visitadas, necessidades do público-alvo etc. Projetamos a arquitetura da informação e os wireframes baseados nisso. Como eu disse anteriormente, ainda faremos testes de usabilidade. Uma das coisas que precisamos validar é a arquitetura da informação do portal. Esse foi o grande desafio. Fizemos um levantamento da arquitetura atual e propusemos uma nova, baseada no público-alvo. Conversamos bastante com a Capes e chegamos ao resultado que está no ar. No entanto, sentimos que isso ainda precisa ser validado.

No início, pensávamos em fazer também testes de análise da tarefa (usuário segue um roteiro de tarefas sugerido por um moderador), mas, neste momento, a arquitetura é o ponto mais crítico do portal, já que a navegação e os principais fluxos são razoavelmente triviais. Portanto, o primeiro teste que faremos será um card sorting (em que os usuários organizam o conteúdo, segundo as suas expectativas). O livro Getting Real não fala sobre usabilidade, mas o processo simplificado que ele sugere facilita o trabalho e as eventuais mudanças que precisemos fazer em virtude dos testes.

Wd :: A grid do portal contém cabeçalho e rodapé, reunindo algumas informações principais, busca, links e as marcas das instituições envolvidas com a Capes. Já no miolo, a interface foi dividida em quatro colunas, que apresentam as novidades e o conteúdo existente no site. De que forma vocês trabalharam a arquitetura da informação do site e sua influência dentro da definição da grid do site?

Felipe :: A arquitetura, projetada pelo Leonardo Burlamaqui, foi a primeira coisa com que nos preocupamos. Como falei anteriormente, fizemos um levantamento da arquitetura atual e depois um planejamento de uma nova organização, totalmente baseada no público-alvo. Tivemos ainda uma série de reuniões em Brasília para validar o que projetamos. Não foi uma tarefa simples, pois a Capes tem muitas responsabilidades e possui diversas áreas importantes.

Estabelecida à arquitetura, estavam definidos os itens de menu e já sabíamos o que deveria ser exposto na home. Como optamos pelo menu vertical, a primeira coluna ficou dedicada a ele. A segunda coluna tem destaque para as notícias, que são diárias, e chamada para a página de dúvidas freqüentes (já que a quantidade de e-mails recebidos pelos funcionários era enorme). A coluna do meio tem destaque para duas das áreas mais procuradas do portal: bolsas e avaliação de cursos. Na direita, organizamos chamadas que podem ser reordenadas e capazes de expor qualquer conteúdo. A chamada principal também tem diferentes versões. Essas soluções deixam o portal menos engessado e mais útil para quem o mantém e para os usuários, que podem ter necessidades diferentes dependendo do período.

Wd :: Na parte de gerenciamento de conteúdo, o OpenCMS (www.opencms.org) foi escolhido como ferramenta para execução de tal tarefa. Que tipo de estudos vocês realizaram para definir tal escolha?

Felipe :: Tínhamos como pré-requisito adotar uma solução Java, que foi uma solicitação da equipe de desenvolvimento interna da Capes. Dado este fato, avaliamos várias ferramentas open-source disponíveis, antes de optarmos por uma ou por outra.

Na verdade, a plataforma final que vamos utilizar para o projeto é o LifeRay (www.liferay.com). Enquanto o OpenCMS é um gerenciador de conteúdo, o LifeRay é um gerenciador de Portal, o que é perfeito para melhor integrar o novo site aos aplicativos já existentes da Capes.

Entretanto, quando começamos a implementar o novo layout do site no LifeRay, percebemos que o processo para que ele gerasse um código acessível seria complexo e, por conseqüência, lento. Como não queríamos colocar em risco ultrapassar a data limite para o lançamento do site, optamos por utilizar o OpenCMS, que se mostrou mais flexível neste quesito.

"O uso de uma fonte serifada é interessante pelo fato de a instituição ter uma relação com a academia, com tradição"

Wd :: No ciclo final de um projeto, utilizar ferramentas para medir o retorno sobre o investimento atesta um bom trabalho realizado, além de garantir sua melhoria contínua. Como vocês trabalharam esta questão? Quais são os próximos passos do projeto?

Felipe :: O projeto do site da Capes ainda está em andamento. Estamos no meio do caminho com relação à parte de acessibilidade. Vamos fazer testes de usabilidade, migrar o sistema para o LifeRay, fazer testes de acessibilidade com portadores de deficiência, ajustar, reorganizar, realinhar. Ainda temos trabalho pela frente e aos poucos, com novos releases, vamos deixando-o com a cara que queremos.

A Capes não precisa gerar receita pelo site, não vive de sua audiência com receitas publicitárias, nem precisa fazer propaganda de seus serviços. Por outro lado, precisa manter sua credibilidade e a respeitabilidade de sua marca. O ponto mais legal desse projeto é que o retorno do investimento no site será semelhante ao retorno de investimento em um pesquisador que tem uma bolsa de estudos no exterior com a missão de trazer conhecimento para o país. A experiência com o desenvolvimento do site vai gerar um conhecimento que será compartilhado. Esta entrevista já é um início desse retorno.